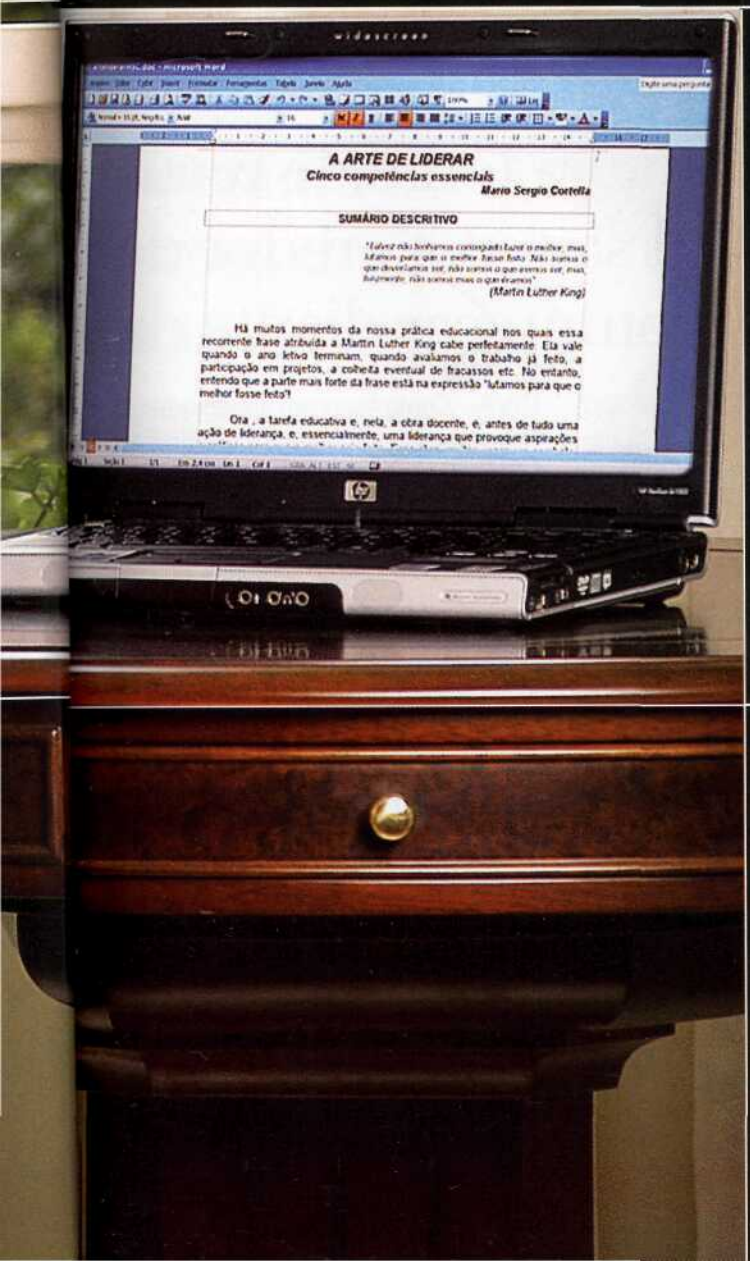
Tempos modernos

O educador e escritor Mario Sergio Cortella tem uma visão bem peculiar sobre as relações familiares e a interferência da tecnologia nos lares. Aqui ele dá boas dicas para melhorar o convívio nessa nova era



POR FÁTIMA CARDEAL | Fotos OMAR PAIXÃO

Mario Sergio Cortella é um filósofo e educador antenado com o mundo contemporâneo e as tendências do ensino. Ele trabalha para ajustar a qualidade da educação às mudanças cada dia mais velozes por quais passa a sociedade. É um dos nomes mais lembrados para palestras, cursos, congressos. Autor de dezenas de livros, entre eles *Não Nascemos Prontos*, da Editora Vozes, é professor titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da Pós-Graduação em Educação da PUC de São Paulo, onde trabalha há 30 anos. Dono de uma fala divertida, prende tanto a atenção de uma platéia de jovens quanto de uma de executivos. Costuma dizer que o conhecimento serve para encantar as pessoas, não para humilhá-las. Cortella também já ocupou importantes cargos políticos, como o de secretário municipal da Educação de São Paulo no governo de Luiza Erundina. Seu grande mestre foi Paulo Freire, educador brasileiro, morto em 1997, respeitado no mundo todo por causa do método de educação popular que criou. "Cortella é um dos raros filósofos da educação que pensam o novo", dizia Paulo Freire. DIVA ouviu esse profissional para falar sobre como a tecnologia afeta a família. Nessa entrevista, Cortella diz que a tecnologia em si não é má, desde que seja usada como ferramenta. Mas se espanta com a velocidade das transformações na convivência entre as pessoas por conta dela. "A família não está mais se encontrando no lugar onde devia", diz . "Se acaba a luz, vão todos dormir, porque se ficarem acordados sem a tevê, o computador, vão ter que fazer uma coisa com a qual têm dificuldade: conviver." Confira as dicas dele para se adaptar à vida moderna.

DIVA -Você acha que o avanço da tecnologia nos lares tem diminuído o convívio das famílias?
Mario Sérgio Cortella — Sim, porque as facilidades tecnológicas acabaram com hábitos que reuniam a família em casa e com isso cada um se isolou em seu quarto. Você detecta um sinal desse isolamento quando a família se junta e sai para comer comida caseira. As pessoas perderam o hábito de cozinhar, que é uma atividade coletiva. A praça de alimentação do shopping tomou o lugar da cozinha.

DIVA — Mas isso não *é* uma questão de praticidade, já que o tempo está cada dia mais curto para todos?
Cortella — Os pais, por mais ocupados que sejam, precisam inventar ocasiões de convivência com os filhos, estabelecer pontes, investir tempo nisso. Não há lugar melhor do que a cozinha para se conviver. O trabalho de cozinhar é comunitário, exige paciência, convivência e proporciona um prazer pedagógico. Daí vem a atividade de fazer pamonha. As famílias passam horas juntas: tratam o milho, preparam a massa, embalam na palha, esperam cozinhar. Elas podiam comprar as pamonhas prontas, mas preferem fazer porque se reúnem para conversar, brincar, discutir e até brigar.

DIVA - Num restaurante, a família se reúne. Não é adequado?
Cortella — Não, porque é um ambiente impessoal, uma simulação da realidade. Ali, a criança não é chamada a participar, cada um escolhe a sua própria comida, não tem o espírito da coletividade na família. E criança, desde muito cedo, precisa participar, ser solicitada a contribuir, criar, dar opinião, porque é assim que ela se sente útil. A família não está se encontrando no lugar onde deveria e outra prova disso é a sala sempre arrumada, com todas as almofadas, impecáveis, no sofá. É sinal de mau uso do ambiente, que deveria ser de reunião, de momentos de lazer e prazer. Significa que cada um está sozinho na sua toca.

DIVA - Os próprios pais estariam criando uma barreira entre eles e os filhos ao abrir mão de hábitos antigos em função das facilidades oferecidas pela tecnologia?
Cortella — É isso. Quer ferramenta mais diabólica do que o micro-ondas? Primeiro, porque você não precisa cozinhar. Segundo, ele permite que cada um coma o que quiser, na hora que desejar. O micro-ondas aposenta a convivência. Mais um sinal desse isolamento é o amigo secreto do fim do ano. As pessoas da mesma família não têm idéia do que dar umas às outras porque não se conhecem. Um não sabe o que o outro gosta de ouvir, então dá o vale-CD. Isso é extremamente impessoal.

Corteila - Os pais nunca terão esse controle, é impossível. Os filhos têm mais domínio e driblam qualquer proibição. Conheci alguns que os pais não deixavam ver determinado filme e eles programavam o videocassete para gravar sem que os adultos percebessem. Dia seguinte, quando eles saíam para o trabalho, os filhos assistam ao filme tranqüilamente. Acho até que tudo bem dar uma incerta de vez em quando, entrar nas comunidades do Orkut que os filhos freqüentam, assim como os pais antigos espiavam da janela, não como uma atitude de intromissão, e sim de cuidado. Mas eu insisto: o que vai marcar mesmo o limite é o convívio prazeroso. Os pais precisam investir tempo na construção de novas pontes de contato.

> “A primeira fonte de recurso
> todos conversavam ao redor dela
> como nos comunicar diante das s

DIVA - E o adolescente nesse lar? Há uma preocupação quanto ao excesso de tempo no computador...
Cortella - E antes também eram a tevê, o telefone, a rua, a mata. O que muda é que hoje esse adolescente está só se comunicando, não convivendo. Ele se refugia no mundo virtual porque o real é pouco afável. Uma conversa virtual é uma delícia, permite o domínio de ambos os lados, pode se dizer o que bem entender, basta fazer parte do MSN ou do Orkut. Como o jovem domina muito facilmente a tecnologia, porque lida com ela de maneira quase circunstancial, ele pode acabar prisioneiro dessa situação.

DIVA - Os pais se dizem preocupados com o conteúdo que os filhos acessam na internet ou em outras mídias e ao mesmo tempo se sentem impotentes porque não conseguem controlar isso. O que fazer?

DIVA - Como fazer um adolescente arredio cozinhar com a família?
Cortella — O adolescente é arredio por natureza, mas ele quer ser envolvido. Envolver não é fazer uma auditoria: "Como foi seu dia?". Agora se o pai pede ao filho que o ensine a mexer no celular ou o ajude a fazer um prato, é outra história. Ele se sente útil em participar.

DIVA - Que outras dicas práticas o senhor dá para os pais?
Cortella — Fazer pelo menos uma refeição do dia com todos da família. Na minha casa, até as crianças chegarem aos 18 anos, todo mundo tinha que almoçar junto. Todo sábado, nós ainda nos reuníamos para ouvir música. Um mostrava ao outro aquilo que estava ouvindo e trocava impressões. Foi assim que eu conheci Black Eyed Peas, Legião Urbana e mostrei a eles os eruditos.

DIVA-Os pais modernos delegam muito à escola e à babá a tarefa de educar os filhos?
Cortella — Delegam tanto que querem ter personal mother e personal father. Algumas escolas chamam a atenção para isso. Os pais não podem terceirizar a tarefa de educar os filhos.

DIVA - A escola exerce papel importante na relação das crianças e jovens com a tecnologia?
Cortella — Ela não tem tanta presença assim nesse contexto. Tem apenas o computador para uso pedagógico.

DIVA - A relação marido e mulher também foi alterada pela tecnologia?
Cortella — Claro, e de maneira negativa. Quem pega o controle remoto do-

a a fogueira e
ecisamos descobrir
s tecnologias

mina a relação, não considera a vontade do outro naquele momento em que os dois estão vendo tevê. Aí, em vez de fazerem acordo, cada um compra a sua tevê. Marido e mulher precisam ficar atentos a esses sinais de incapacidade de convivência saudável.

DIVA - Antes, a grande vilã do isolamento das famílias era a tevê. Hoje é a internet. Na verdade, o que está errado é a maneira como as pessoas agem diante das novidades?
Cortella — É isso mesmo. A tecnologia é apenas uma ferramenta, não pode causar afastamento. É a velha história, a primeira fonte de recursos era a fogueira e as pessoas se sentavam em torno dela. Hoje, as fontes são outras e as pessoas têm de criar novas pontes de comunicação ao redor delas. Dá trabalho, mas vale a pena insistir, porque uma hora os laços de convívio se restabelecem.

Fonte: Diva, n. 17, p. 10-13, mar. maio. 2007.